ANO 11.º — Sexta-feira, 18 de Outubro de 1918 — Numero 544

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Portugal revolucionario

—(•)—

A primeira tentativa contra a situação Sidonio Paes gorada ---Em diferentes pontos do país e em Aveiro

Mais uma revolução que não passou de tentativa.

Foi no ultimo sabado.

Os boatos eram desencontrados, alarmantes. No Porto, em Penafiel, em Coimbra, em Evora os regimentos nas ruas com o elemento civil, propunham-se derrubar o Poder. Procurámos pormenores. Pouco a imprensa diária nos fornecia que satisfizesse a nossa curiosidade, pelo que fômos de encontro a várias pessoas que, casualmente, haviam sido testemunhas da desgraçada aventura.

Que sim; que os boatos o tinham deixado de ser, mas que o movimento, tal qual se desenhava, não tinha probabilidades de exito. Era apenas uma aventura sem éco nem atmosfera propicia, antes com a formal condenação de quantos neste angustioso, neste gravissimo momento para a Patria Portuguêsa, quer interna quer externamente observado, acima de tudo colocam o unico e mais poderoso factor indispensavel, preciso: a ordem!

Pois quê? Nas vesperas da Nação tomar assento numa conferencia internacional de Paz, conferencia onde deverão ser debatidos os mais altos interesses do mundo inteiro, e portanto tambem nossos, deveremos aparecer com as mãos sujas de polvora e de sangue de nossos irmãos assassinados numa luta fratricida e ingloria, cimentada em odios e em ambições que nada justificam?

Na hora dilacerantemente amarga, em que uma epidemia formidavel assinala a sua existencia, cobrindo de luto a familia portuguêsa, semeando a Morte em todos os lares de norte a sul do país; quando, como macabro cortejo de tão pungente prestito, a fome, envolve no seu manto de torturas milhares de infelizes para quem mais a ganancia deshumana de muitos do que a escassez propriamente dita, está atormentando; quando nos campos da batalha estão ainda quentes milhares de cadaveres de heroicos soldados lusitanos, outros milhares batendo-se ainda e ainda outros milhares cativos do inimigo, sofrendo vilipendios, ultrages, fome, sêde e saudades amarissimas da Patria querida; quando sob todos os pontos de vista nos estava imposta a ordem, a serenidade, a luta coordenada e eficaz contra todos os males que nos afligem, impondo-nos assim á consideração, ao respeito proprio e alheio—não é lamentavel que uma lufada de demencia, aliás perigosa, lance na desordem, na mais completa anarquia civis e militares que tão facilmente esquecem os seus deveres para com a Patria e para consigo mesmo?

E' profundamente triste tudo quanto se está passando em Portugal sob o regimen republicano.

Já aqui dissemos que as revoluções se não fazem porque a vontade de qualquer assim o determina. As revoluções produzem-se como uma consequencia naturalmente logica da imutabilidade das leis da mecanica social, correspondendo ao resultado de factores que se originam e compõem, obedecendo á evolução das ideias e dos factos, que são o resultado indistructivel da condensação dos tempos.

Revoluções assim como essa que em tão má hora nasceu, sem outra justificação mais que a ambição e o odio a anima-las, são simples manifestações anarquicas. Um povo enleiado nas teias do anarquismo, lançado assim em constantes perturbações, é um povo condenado. **E quando uma nação cáe em estado de anarquia, ou desaparece pela dissolução ou pela absorpção.** E' um dilema fatal!

Como todos os portuguêses, dignos desse nome, os que colocam acima de mesquinhas paixões a autonomia, a existencia da Patria, condemnâmos a desgraçadissima aventura que veio ainda salpicar de mais sangue as já tão tristes e denegridas paginas da historia dos ultimos tempos.

Só de loucos; só de fanaticos impenitentes ou de espiritos doentios poderia brotar isso que agora se fez e que até na sua propria execução deixou inconfundivelmente vêr a pobreza do calculo e a alucinação do traçado.

Como um nosso distinto colêga da capital que ao assunto se referiu com ponderadas considerações, nós diremos:

Hoje, como sempre, julgamos o recurso insurrecional como um acto perigoso e nefasto, só justificavel numa conjuntura desesperada, como recurso supremo de um povo oprimido. Mas nas circunstancias actuais do país comparticipante da guerra, flagelado por uma epidemia que faz milhares de vitimas, com a população oprimida por tremendas necessidades, uma revolução chega a assumir as proporções dum crime. A consideração dessas circunstancias devia prevalecer nos filhos desta terra, sobre todas as diferenças politicas e sobre as inimisades dos homens. Mas a paixão politica parece ter varrido dos espiritos, até dos mais esclarecidos, as noções mais gráves do dever patriotico.

* * *

Um resumido relato das ocorrencias mais dignas de menção que em alguns pontos tiveram logar:

Porto, 12—Esta madrugada houve grande movimento na policia, que, tendo feito descobrimento dum *complot* em iminente acção para um movimento revolucionario, realisou imediatamente importantes diligencias, sendo feitas muitas prisões, algumas das quais de individualidades de destaque tanto no meio civil como militar. A policia, toda de prevenção e armada de carabina, tem sido destacada para vários pontos, e, assim, de pronto, cessou a conjura.

A policia cercou de madrugada uma casa de Santo Ovidio, em Gaia, onde havia reunião de oficiais do exercito, mas já tinha acabado, sendo as prisões feitas á entrada da ponte, entre os quais figuram o tenente almoxarife Correia, dois alferes Almeidas, de infanteria 35, sendo o chefe da rebelião o capitão Norberto Guimarães, que foi preso em Leça da Palmeira, ostentando os galões de major.

O plano revolucionario era o seguinte: depois de finda a reunião em Gaia os oficiais juntavam-se num hotel de Leça da Palmeira, onde o capitão snr. Norberto Guimarães tinha preparada uma ceia. Depois juntar-se-iam com o elemento civil num horto da rua do Triunfo, contiguo ao quartel de infanteria 6, onde contavam armar-se com espingardas daquele regimento, seguindo ao grito de revolta para os quarteis a aguardar as adesões. Caso estas se não dêssem, dariam assalto aos quarteis.

Os revoltosos projectavam prender o inspector da policia sr. Solari Alegro.

A policia tem efectuado muitas prisões de individuos implicados no movimento politico.

Teem-se realisado várias diligencias e buscas domiciliarias, havendo grande movimento no comissariado de policia.

Ha cerca de 200 individuos de várias categorias, entre eles 16 oficiais já encarcerados.

O socego no distrito é completo.

Penafiel, 12—Uma pequena força militar, comandada pelo aspirante Magalhães, insubordinou-se pelas 5 horas e meia, e auxiliada por alguns civis, apossou-se da estação do caminho de ferro e impediu a marcha do comboio que devia partir áquela hora.

Intimada á obediencia pelo grosso do regimento, rendeu-se, sendo desarmados e presos todos os revoltosos, incluindo 5 oficiais de infanteria 32, e em seguida normalisada a situação.

Evora, 13—Hoje, logo ás primeiras horas da manhã, fômos surpreendidos por alguns tiros, acompanhados de vivas á Republica Velha e á União Sagrada. Inquirimos minuciosamente do que se tratava, e em breve soubemos que algumas praças da guarnição haviam saido para a rua, juntamente com alguns civis, tambem armados, com o fim de secundarem o movimento revolucionario, que constára ter rebentado em Lisboa, a fim de derrubar o governo e o presidente da Republica.

Como o regimento de cavalaria 5 não aderisse de pronto ao movimento revolucionario, estabeleceu se entre este e os revoltosos um ataque que durou uns 5 a 10 minutos e que terminou ao ser içada a bandeira branca no edificio do quartel. Durante este pequeno ataque, o comandante do regimento, coronel snr. José Maria Pereira da Silva, chegou a uma das janelas do quartel, o que lhe valeu ter sido varado por uma bala, que lhe originou a morte quasi instantanea. Ha quem afirme que este havia feito fogo sobre os revoltosos; porém, de positivo, nada pude averiguar. Após a rendição, os soldados de cavalaria que se achavam no edificio do quartel seguiram, debaixo de fórma, devidamente armados e municiados, para o quartel de artilharia de montanha que estava ao lado do movimento, e de onde depois saíram novamente, em patrulhas formadas por estes, soldados de artilharia e infanteria 11, as quais se espalharam pela cidade, em serviço de policiamento. A junta revolucionaria deliberou que se fizessem prisões, sendo detido o general comandante da quarta divisão, snr. Braz Mousinho de Albuquerque, que ficou, sob prisão, em sua casa, no edificio do quartel general. Tambem nos informaram ter sido preso o administrador do concelho e comissario de policia, sr. Eduardo de Oliveira Mata, tenente do exercito.

Coimbra, 12--A's 5 horas da manhã iniciou-se nesta cidade um movimento revolucionario que começou da seguinte fórma: áquela hora ouviu-se na Avenida Navarro a explosão duma bomba, seguindo-se um assalto ao quartel general por forças do 2.º grupo de subsistencias e equipagens, ao mesmo tempo que no quartel do regimento de infanteria 35 eram presos alguns oficiais, e o regimento sob o comando dos sargentos tomava conta da artilharia ali aquartelada, e, ao passo que era içada a bandeira nacional as tropas davam uma descarga para o ar em sinal de regosijo. O mesmo se fazia, nesta ocasião, no quartel do 2.º grupo de equipagens e os soldados de artilharia aderiram todos ao movimento. Tendo tomado conta do comando da divisão o coronel Mourão, comandante de infanteria 35, depois de preso o general snr. Jaime de Castro e mais 20 oficiais, começaram as forças revolucionarias a ocupar os edificios do correio, câmara municipal e as esquadras de policia, sendo içada em todos eles a bandeira nacional, desarmada e presa a policia. Entretanto o major Barros, comandante de artilharia dirigia-se a Santa Clara com o proposito de sufocar os revoltosos, mas quando ali chegou foram-lhe disparados tres tiros, atingindo-o apenas um e sendo conduzido ao hospital da Universidade, onde se encontra em tratamento, não sendo grave o seu estado. Os oficiais que se iam apresentar aos quarteis eram desarmados e presos, á excepção, parece, que dos do regimento de infanteria 23 que se reuniram em conselho, não se sabendo quais as resoluções que tomaram. O que é facto é que não se mostraram hostis e foi içada a bandeira nacional na fronteira do quartel. Pouco depois uma força de cavalaria, do comando dum tenente, marchou para Santa Clara, sendo recebido por fuzilaria do regimento de infanteria 35, debandando em desordem e recolhendo ao seu quartel.

Parece que tendo depois recebido ordem do quartel general para se render, se recusou, conservando-se fiel por muito tempo dentro do quartel armada e equipada. A's 2 horas da tarde a cavalaria saíu do quartel disposta a combater, sendo recebida por forças do 2.º grupo, começando então um verdadeiro combate, entrincheirando-se a cavalaria proximo do seu quartel, nas arvores do Jardim Botanico e nos Arcos, e, as forças que a combatiam no Arco do Castelo, cêrca do hospital, quinta de Santa Cruz, etc., ao passo que as forças postadas junto do quartel general tambem atacavam os soldados de cavalaria, que combatiam a pé. A's 4 horas da tarde não se querendo render, começou a artilharia de Santa Clara a dar fogo contra o quartel de cavalaria, instalado nas dependencias da Penitenciaria, e contra o quartel de infanteria 23, por este regimento não merecer absoluta confiança aos revoltosos. A artilharia disparou 45 tiros, acertando muitos no alvo e quasi todos muito proximo, causando bastantes estragos na Penitenciaria e no quartel do 23 e em algumas casas do Penedo da Saudade e ferindo muitos soldados. Como alguns oficiais do 23 se apresentassem no quartel general levando, ao que se diz, bandeiras brancas na ponta das espadas, foi dada ordem para cessar fogo. Durante a noite houve tiroteio isolado em vários pontos da cidade. A Cruz Vermelha desempenhou um arrojado serviço conduzindo em maca e em automovel os feridos ao hospital da Universidade.

Coimbra, 13—Hoje, pelas 9 horas, foi novamente entregue o quartel general ao sr. Jaime de Castro, que mandou soltar os oficiais presos, sendo rendidas as guardas e mandadas recolher ao quartel todas as forças do 2.º grupo. Isto foi depois de se ter conhecimento de que estavam presos em Pombal os oficiais e sargentos que pertenciam ao *comité* revolucionario, e que ali haviam ido para conseguir a adesão das forças de artilharia aquarteladas naquela vila.

A's 3 horas da tarde a artilharia que estava em Santa Clara veio para o regimento de infanteria 23, acompanhada e comandada pelos oficiais que haviam estado presos. O quartel do 2.º grupo foi ocupado por uma força de infanteria 23 e por uma metralhadora. Pouco antes, no quartel do 2.º grupo, o alferes Laje deu um tiro na cabeça de um soldado, que foi conduzido ao hospital. Ha conhecimento de 10 soldados e 2 oficiais feridos, e de um sargento e um soldado morto.

As praças e sargentos do 2.º grupo foram desarmados e conduzidos, sob prisão, para a Penitenciaria, onde ficaram, assim como os soldados de artilharia que dispararam os tiros contra os quarteis de cavalaria e infanteria 23.

A policia começou a fazer algumas prisões de paisanos. O movimento, porém, parece que foi apenas militar.

O socego agora é completo.

Lisboa, 14—Na noite de ontem, tendo o governo sido informado de que em Braço de Prata se achava reunido um grupo bastante numeroso de civis armados e que havia algumas barricadas, enviou uma força de policia, sob o comando do tenente Faria, e de cavalaria da guarda republicana, comandada pelo capitão Veloso, para dissolver esse grupo.

A' sua aproximação, grande numero de revoltosos fugiu—tendo os restantes alvejado com tiros e bombas aquela força, que por sua vez respondeu com uma descarga. Deu-se imediata debandada, sendo destruidas as barricadas. Perseguidos os revoltosos, foram efetuadas várias prisões. Um soldado da guarda republicana ficou ligeiramente ferido por um estilhaço de bomba.

Dois córtes de linha ferrea, que apareceram feitos nas proximidades de

A epidemia

—(•)—

Continúa atacando grande numero de pessoas, podendo afirmar-se sem receio de mentir que não ha casa em Aveiro onde não exista um enfermo e em algumas dois, três e quatro.

Contudo o numero de casos fataes é, felizmente, diminutissimo, visto que desde o dia 10 á hora que escrevemos, ou seja até 16, apenas se contam 10 obitos em todo o concelho.

Cabe aqui referir a extenuante tarefa da *Cruz Vermelha*, conduzindo de diversos pontos, fóra da cidade, a toda a hora enfermos para os quaes se torna urgente e necessaria a hospitalisação imediata.

Constituida por operarios, na sua maior parte, são estes forçados a abandonar o trabalho para o desempenho desse serviço, perdendo, sem outro proveito mais que a prática dum acto de humanidade, o pão para os seus e para eles. Generosa e justa recompensa seria a de lhe não serem descontadas nas suas férias as horas aplicadas a esse serviço.

Aqui fica a lembrança, que muito desejariamos fôsse tomada na devida conta por aqueles que o pódem fazer.

A *Cruz Vermelha* realiza no proximo domingo, 27, um festival no Jardim Público, executando um concerto a banda *José Estevam*, e tendo logar nessa ocasião a rifa de uma toalha de valor, da qual ha tempos foi feita a respectiva venda de bilhetes.

Espantoso

Em Espanha, mas sobre tudo na cidade de Barcelona, a *grippe pneumonica* está-se desenvolvendo de tal fórma que as populações andam verdadeiramente aterradas.

E' que, só neste ultimo ponto, chegaram a registar 487 obitos em 48 horas!

JORNAES

O Mundo, *A Republica* e *A Montanha*, por destruição das suas oficinas, não poderão ser publicados por estes dias mais proximos.

Entre nós foi intimada a suspensão aos semanários *O de Aveiro*, *Razão* e *Campeão das Provincias*, o que nos leva a crêr que este ultimo, no seu numero de sábado, vespera da revolução, nos enganou quando escrevia em tipo graudo: **A Republica está em marcha! Triunfará!**

O Patriota, esse, expirou vitimado por um ataque de explicações, que a seu tempo... nós havemos de explicar tambem.

Mais uma força dignificando o patriotismo de determinado *patriota* que tantas vezes aqui temos apontado.

Processo crime

Afiançam vários jornaes que o govêrno está na firme disposição de instaurar processo judicial contra os srs. Anselmo Vieira e Ricardo Malheiros por motivo da interferencia que tiveram no debatido caso das 33.500 acções dos Caminhos de Ferro em que se pretendeu envolver a honra do sr. Xavier Esteves, ex-ministro das Finanças, mas por outro lado querem-nos parecer que o assunto é tão melindroso e envolve um exemplo de tão alta moralidade, que o mais certo é ficar tudo em agua de bacalhau.

Se já estamos acostumados a isso...

FILANTROPIA

Um considerado filho de Montemór-o-Novo, vendo a miséria que lavra no concelho devido ás faltas a que a epidemia, que nele grassa, como em todo o país, obriga, acaba de oferecer á Santa Casa (a Casa dos Pobres) um conto ou mil escudos em dinheiro, sendo 500 es-

udos para medicamentos mais urgentes e igual quantia para hospitalisação extraordinaria de doentes.

Só do hospital da nossa terra ninguem se lembra neste momento para o ajudar a socorrer os pobres a quem a doença prosta, impossibilitando-os para o trabalho de que lhes provém o pão da familia.

Olhem que é triste.

Braço de Prata e que deram logar a atraso de comboios, foram imediatamente reparados.

A tranquilidade é completa em toda a cidade.

Em Braga e outros pontos do país teem-se efectuado numerosas prisões, umas apenas preventivas e outras como resultado do conhecimento que as autoridades teem daqueles que se implicaram no movimento.

Em Aveiro, apezar da maxima tranquilidade, foram presos na madrugada de terça-feira, seguindo no comboio correio da manhã para Lisboa, os seguintes individuos: Francisco Homem Cristo, director do semanario *O de Aveiro;* Mariano Ludgero Maria da Silva, desenhador das Obras Publicas; Bernardo de Sousa Torres e Francisco Pereira de Melo, negociantes e Virgilio Duarte da Silva, empregado no correio, que se achava ausente do serviço por motivo de doença desde o dia 5 do corrente.

A' noite, cerca das 22 horas, quando regressava da repartição a sua casa, foi preso o empregado dos correios João Augusto Rosa, seguindo na quarta-feira juntamente com José Rodrigues Jeronimo para Lisboa, no comboio das 9,30.

Compreendemos que se proceda a investigações e a cada um se pessa a devida responsabilidade. Mas não compreendemos que se prenda a esmo e em especial quem —toda a gente o sabe—ha muito estava completamente afastado de toda a actividade politica.

Desde setembro do ano findo, quando da gréve dos telegrafos e correios, João Rosa, Virgilio Duarte Silva e outros funcionarios da classe romperam abertamente com as suas ligações partidarias.

Mas, enfim, apurar-se-á a verdade e ela hade resplandecer ao lado da Justiça.

* * *

Encontram-se tambem detidos para averiguações os sargentos de infanteria Péres, Encarnação e mestre de corneteiros e de cavalaria Fradique, Louro, Pereira, Santos Velho, Marques e Esteves. A' hora que escrevemos hajá para alguns provas completas da sua inculpabilidade nos acontecimentos.

A administração do distrito foi entregue á autoridade militar que adoptou medidas tendentes a assegurar a ordem, senda a cidade alternadamente percorrida durante a noite por patrulhas de cavalaria e infanteria.

No domingo chegaram aqui forças militares pertencentes aos regimentos de infanteria 29, 3, cavalaria 11 e administração militar que regressaram no dia seguinte aos seus quarteis, visto estar restabelecida a ordem em Coimbra.

Teem desaparecido da cidade alguns individuos, segundo ouvimos.

Os jornaes de Lisbôa fazem larga referencia a um triste incidente desenrolado ante-ontem, quando era conduzida através das ruas de Lisbôa, uma leva de presos politicos, que resumimos assim:

Pelas 21 horas, saíu do governo civil com destino á estação do Caes do Sodré, uma força de 240 guardas, devidamente comandada, que ia incumbida da condução e escolta de 153 presos politicos destinados aos calabouços dos fortes do Campo Entrincheirado.

Tomadas as necessarias precauções, a coluna pôz-se em marcha precedida dum pelotão, como guarda avançada, e seguida dum outro como guarda de retaguarda.

Ao voltar da rua Serpa Pinto para a rua Ferrugial de Baixo, foi a força atingida por bombas e tiros, que partiram de ambos os lados do cruzamento daquelas ruas e de algumas janelas dos predios proximos, ao mesmo tempo que alguns presos, de entre eles o visconde da Ribeira Brava, atacavam os guardas e se punham em fuga, matando um daqueles e ferindo muitos outros, e os chefes comandantes da guarda avançada e da coluna que conduzia os presos.

Imediatamente uma parte da força rompeu fogo contra os grupos assaltantes e vários presos que debandavam, deixando estendidos alguns ao mesmo tempo que os outros guardas faziam recolher ao *Ginasio Club* e *á garage* do Govêrno Civil os restantes.

Da policia ficou morto o guarda n.º 1564 e feridos, na sua maior parte por estilhaços de bombas, os chefes Alves, Dias e Couto e 29 guardas. Dos assaltantes foram mortos 6, dos quaes já estão reconhecidos o visconde da Ribeira Brava e Armindo Coelho de Moura, ex-agente da investigação, e receberam ferimentos, alguns de gravidade, 31 civis.

Entre estes ultimos contam-se os nossos conterraneos Mariano Ludgero Maria da Silva, ferido numa perna, ficando hospitalisado e Francisco Pereira de Mélo ferido na cara.

O que sobrevirá ainda?!!

GENEROSIDADE

O semanário de Aldegalega, *O Domingo*, noticía que o marchante daquela vila festejou o 8.º aniversário da proclamação da Republica distribuindo, gratuitamente, pelos pobres a carne duma vaca que para esse fim abateu, tendo o peso de 400 quilos.

Foi um procedimento... que se não parece nada com o dos colégas de Aveiro.

A quem competir

—(*)—

Os preços da carne e do leite

Referimos no ultimo numero deste jornal que a carne subira 8 centávos em cada quilo.

Podemos hoje noticiar que esse aumento foi ampliado com mais 4 centávos. Isto é: numa semana subiu o preço da carne 12 centávos em cada quilo, custando-nos a mais barata agora 72 centávos!

Por nossa conta fômos onde nos poderiam fornecer informações insuspeitas sobre as razões determinantes de tão grande subida de preço e por toda a parte nos foi garantido que o custo do gado não tinha sido elevado, mantendo se desde ha muito uma determinada unificação nas transacções havidas.

Cabe aqui perguntar se o consumidor, já ha tanto violentado ao pagamento elevadissimo de todos os géneros, que, imperiosamente exigidos pela vida, tem de adquirir, e por essa mesma razão o roubam, póde continuar sujeito a esta contingencia de, por livre alvedrio de quem queira, ser forçado a pagar por um preço, dia a dia mais cáro, aquilo que em bôa verdade nada justifica que tanto lhe exijam.

Se, como alguem nos informa sem outro proveito mais que referir a verdade, o custo do gado não se elevou, com que fundamento, com que razão se vem exigir do consumidor—especialmente nesta hora desgraçada, onde não ha uma casa rica ou pobre que não tenha doentes duas e três pessoas—com que direito, diziamos, deshumanamente se obriga o publico a tamanha violencia?

Certamente ao argumento com que nos talhos se responde ás lamentações, tantas vezes amarguradas dos que lacrimosamente protestam contra tão insolita e violenta alteração: —então você não paga o bacalháu a 10 tostões?

Crêmos bem que não ha outra razão justificativa do inaceitavel aumento que se fez e por isso solicitâmos a quem competir as providencias indispensaveis e protectoras, que o publico tem o direito de esperar. E' preciso, urgente, inadiavel que a autoridade indague, inquira das razões justificativas da elevação do preço feito e do que se prometa fazer, para que proceda, defendendo o publico, já cançado de tanta exploração, de tanta vilania, de tanto desaforo.

* *

Igualmente chamâmos a atenção da respectiva autoridade para o que se está aí passando com as leiteiras.

A epidemia, que furiosamente avassala a população, naturalmente aumenta o consumo do leite, alimento geralmente indicado e daí a ganancia desmedida e brutal das vendedoras que logo elevaram para 34 centávos o custo de cada litro de leite!!!

Ora isto não se póde tolerar nem permitir que continue sem a intervenção benéfica e pronta do sr. Comissario de Policia.

Muitas dessas mulheres vendedeiras deixam de fornecer os seus antigos freguezes, muitos deles com pessoas gravemente enfermas, porque não lhes dá tanto a conta como negocia-lo, junto ás pontes, pelo preço elevadissimo que a sua ganancia sugeriu. Tal facto reclama, sem demora, energicas providencias de fórma a pôr-se imediatamente côbro a tão infame exploração.

E se alguem se lembra de atirar com as vasilhas, mulher, leite e tudo para dentro da ria? E se alguem, já cançado de tanta tortura e de tanta exploração, explodindo de cólera, de revolta, se lembra de protestar violentamente contra tanta roubalheira?

Haverá razão para condenar?

Fazemos esta pergunta a todos os homens conscienciosos, a todos quantos estão experimentando, ha longo tempo, o efeito das maiores torturas moraes, impostas por uns determinados exploradores, que continuam a roubar-nos á sombra de razões que não existem, de pretextos que se não encontram.

Providencias, providencias urgentes, eis o que pedimos, eis o que insistentemente reclamâmos!

Comercio livre

Consta que o govêrno está agora no firme proposito de permitir o comercio livre de todos os géneros, consoante as reclamações de alguma imprensa, acabando consequentemente com as tabelas de preços e os celeiros agricolas.

E' a ultima experiencia.

Notas mundanas

Transferiu da Povoa de Varzim a sua residencia para o Porto o nosso antigo correligionario e amigo, sr. Alfredo de Lima Castro.

— Está em Esgueira a passar algum tempo o sr. José dos Reis, a quem agradecemos a sua visita e os votos que nos expressou pelas melhoras do director deste jornal.

— A' sua casa de Verdemilho chegou de França o brioso militar, Manuel de Nazaret.

Dâmos-lhe as bôas vindas.

O estado de sitio

—(*)—

Os presos politicos

O *Diario do Govêrno* publicou na madrugada de domingo um suplemento com os seguintes decretos:

Considerando que durante o dia de hoje teem ocorrido em alguns pontos do país gráves factos de perturbação interna que determinam a adopção de providencias excepcionais para a manutenção da ordem;

Considerando que nem o máu estado de guerra, nem o mau estado sanitario do país, nem ainda a dificil situação económica da hora presente evitaram as aventuras de ambiciosos politicos, e que as circunstancias referidas se não compadecem com qualquer medida de repressão que não sejam as mais energicas para se restituir ao país a tranquilidade que é desejada por todos os patriotas;

Considerando que ao governo da Republica permite reprimir imediatamente todas as tentativas criminosas, assegurando, ao mesmo tempo, a execução mais regular e conveniente dos serviços respeitantes ás subsistencias e á saúde publica;

Usando das autorisações concedidas ao poder executivo pelas leis n.os 373, de 2 de Setembro de 1915, e 491, de 12 de Março de 1916;

O governo da Republica decreta e eu promulgo para valer como lei o seguinte:

Artigo 1.º—E' declarado o estado de sitio em todo o territorio do continente da Republica, com suspensão total das garantias constitucionais, pelo tempo que o governo julgue necessario para o completo restabelecimento da ordem.

§ unico. Emquanto durar o estado de sitio, as autoridades e funcionarios civis das diversas localidades do país auxiliarão as respectivas autoridades militares na execução de todas as medidas que estas entendam dever adoptar para quaesquer fins e, especialmente, para que não seja prejudicado o regular funcionamento dos serviços de abastecimentos e de saúde publica.

Art. 2.º—Este decreto entra imediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.

Determina-se, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto, com força de lei, competir, o cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nele se contém.

Os secretarios de Estado de todas as repartições o façam executar.

Paços do governo da Republica, em 12 de Outubro de 1918, ás vinte e tres horas.—Seguem-se as assinaturas.

* * *

Considerando que os deveres militares obrigam igualmente a todos os cidadãos;

Usando das autorisações concedidas ao poder executivo pelas leis n.os 373 de 2 de Setembro de 1915 e 491 de 12 de Março de 1916;

O governo da Republica Portuguêsa decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—Os presos politicos sujeitos ao serviço militar não deixarão de ser considerados nas escalas de mobilisação, na devida altura, independentemente do julgamento, que poderá ser adiado, se assim fôr necessario, para depois de terem prestado o serviço de campanha.

Art. 2.º—Este decreto entra imediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.

NECROLOGIA

No sábado passado, pelas três horas, faleceu vitima de uma *splenite*, que a *grippe* provocou, a sr.ª D. Maria Emilia Varela Pinto, filha estremecida do nosso amigo Augusto Nunes Varela.

Desapareceu na flôr da edade, aos 26 anos, tendo apezar da sua curta existencia experimentado a dureza profunda de golpes que lhe mortificaram a vida, uma odisseia de amarguras, a que a Morte poz termo quando a malograda senhora, de regresso de Africa, pousava a fronte no seio dos seus, procurando um tranquilo abrigo que ha tanto não conhecia.

Por lá perdeu o marido e uma filhinha, deixando outra na mais tenra idade, orfãsinha de pae e mãe, a quem restam os afagos dos avós, que serão certamente todo o seu conforto e protecção.

Escrevemos profundamente contristados na presença de tanto infortunio e de tanta dôr, nomeadamente por quem, vendo ensaiar os seus primeiros passos na Vida, tivémos a desdita de assistir aos seus ultimos momentos.

Aos desolados paes todas a expressão do nosso mais vivo e intimo pezar.

* * *

Com poucas horas de doença faleceu tambem nesta cidade João Rodrigues Marques, pintor, casado, de 28 anos.

Bom cidadão, trabalhador e honesto, o seu inesperado desaparecimento causou profunda impressão, deixando vivas saudades a quantos o conheceram.

A' viuva os nossos sentimentos.

* * *

Em Sarrazola finou-se uma filha do sr. João Ferreira, a menina Vitória Natividade Ferreira, de 15 anos, vitimada por um sofrimento cardiaco que desde os seus primeiros dias de existencia a vinha torturando.

O *Democrata* envia aos paes e mais familia dorida o seu cartão de condolencias.

* * *

Na terça-feira ultima, quando se dirigia para a taberna de Manuel da harmonica, na Rua do Passeio, cêrca das 8 horas, caíu, fulminado, Antonio Lameiro, viuvo, carpinteiro, 36 anos, natural de Eixo.

A policia, que tomou conta do cadaver, fe-lo logo conduzir para a casa das autopsias, no cemiterio, arrecadando-lhe 8$06, importancia que foi encontrada nas algibeiras do morto.

* * *

Faleceu ás primeiras horas da manhã de hoje, o sr. Antonio Valentim Pedrosa.

Vitimou-o uma pneumonia gripal, apesar de todos os esforços empregados para a sua salvação. Exemplar chefe de familia, honrado e trabalhador, a sua morte é muito sentida entre todos quantos apreciavam as suas qualidades e elevação de caracter. Morre no vigor da vida, aos 38 anos.

A' viuva e toda a familia enlutada as nossas condolencias.

* * *

Por informação vinda de Lisboa, sabe-se ter ali falecido com uma bronco-pneumonia, o nosso conterraneo João Augusto Casimiro da Silva, de 27 anos de idade. Era militar.

A seu pae e nosso amigo Francisco Casimiro da Silva, assim como á familia dorida, o nosso pezar.

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 16

Consorciou-se no sábado com uma graciosa filha do negociante de cereaes dessa cidade, sr. Manuel da Costa, o nosso amigo e tambem activo negociante na Oliveirinha, sr. Francisco Guerra.

Assistiram á cerimonia nupcial bastantes pessoas das relações dos noivos, a quem felicitâmos desejando-lhes uma prolongada lua de mel.

— A *grippe pneumonica* continua a manifestar-se por toda a freguezia e redondezas. Ha já a registar alguns obitos, principalmente de militares recem-chegados de Africa.

O sr. dr. Abilio Marques bem como o seu colêga de Fermentelos, dr. Roque Ferreira, que haviam tambem caído á cama, retomaram a sua clinica.

C.